

EVO FERNANDES: quem e porquê?

CRONOLOGIA DE UM CRIME



EVO CAI NA CILADA

(originário) da SNASP. Despede-se da mulher dizendo-lhe também o local para onde vai, um restaurante perto da sua casa, em Cascais. Deixa atrás de si, e bem à vista, um bilhete com as notas tomadas aquando da conversa com o tal Chagas, durante a qual este lhe fornece nomes credenciados moçambicanos e uma agenda de trabalhos.

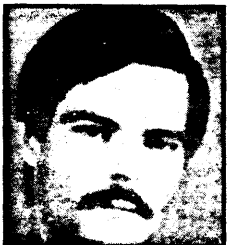
O jantar decorre perante a passiva presença de um terceiro elemento que se senta noutra mesa. Segundo o empregado do restaurante, a conversa versava cavalos e desporto.

Cerca das onze horas da noite são vistos a entrar num carro, embora o Evo tivesse prometido a sua mulher que regressava cedo a casa. Não é mais visto com vida.

Segunda 18

Yvette Fernandes participa às autoridades o desaparecimento de seu marido. Segundo ela, o marido terá sido raptado pela Frelimo para o levarem para Maputo. Mas também levanta a hipótese de ter sido interferência da delegação «americana» da Renamo que já antes o havia ameaçado, aceitando que a Embaixada dos EUA pode estar envolvida ao mesmo tempo que rejeita qualquer participação da Embaixada sul-africana.

A Embaixada moçambicana declara «desconhecer em absoluto o que se passara».



JOAQUIM MESSIAS: (SNASP?)

o tenha contactado acerca das conversações mencionadas acima. A delegação da Renamo, em Washington, pela voz do doutor Serapião, declara à Voz da América que o caso deve ser «uma fabricação» de Evo, o que não seria a primeira vez. E desconhece que a sua delegação tenha alguma vez feito ameaças a Evo. «Deve haver mais qualquer coisa por trás disto», acrescenta.

O doutor Semião «pensa que Evo não tinha mandato para negociar».

A informação moçambicana aponta as rivalidades entre o eixo Washington-Paris e o eixo Pretória-Bona como causas prováveis do desaparecimento de Evo.

Quarta, 20

A mulher de Evo Fernandes queixa-se da passividade do Governo Português. «O Evo é português», lamenta-se Yvette Fernandes que acusa as autoridades de não se preocuparem sequer com a segurança dos seus filhos.

As acusações da mulher do assassinado responde pessoalmente o primeiro-ministro Cavaco Silva, com uma ordem de utilização do «grau máximo dos serviços policiais e de informação portugueses».

As estruturas de elite da Direcção Geral de Combate ao Banditismo foram mobilizadas. A Polícia Judiciária, que iniciou as primeiras investigações, redobrou de esforços, colocando todos os recursos disponíveis na missão de se desvendarem as circunstâncias em que ocorreu o crime, quem foram os seus mandatórios e os seus perpetradores.

ÚLTIMA HORA

Presos os implicados no crime

Alexandre Chagas e Joaquim Messias foram detidos em Casablanca; Manuel Jorge Pinto da Costa foi preso em Paris — informa a Polícia Judiciária de Lisboa.

A P.J. foi clara e precisa: «Os portugueses detidos em Marrocos e Paris envolvidos no caso Evo Fernandes são os seus homicidas ou sabem quem o fez, declarou uma fonte daquele órgão policial.

A mesma fonte referiu que os três detidos são todos de nacionalidade portuguesa acrescentando que embora não haja um acordo de extradição entre Portugal e Marrocos vão ser extraditados, visto existirem mecanismos internos na lei marroquina que o permite.

Todas as detenções foram feitas a pedido da Polícia Judiciária, sendo de salientar a rapidez da sua acção e a pronta resposta das autoridades policiais de Marrocos e França.

OS MORTOS DA RENAMO

A lista de mortos entre os líderes da Renamo é já longa. O primeiro foi André Matsangaiza, fundador do movimento e seu Secretário-Geral e Chefe Militar na altura em que foi abatido em operações de guerra no interior de Moçambique.



ORLANDO CRISTINA

O seu sucessor, Orlando Cristina, que ocupava o lugar de Secretário-Geral, foi baleado em Pretória, em Abril de 1983. O seu presumido assassino, Adriano Bomba, desertor da Frelimo, mas suspeito de pertencer à SNASP, era Chefe de Informações quando foi também abatido em misteriosas condições. O seu irmão Boaventura Bomba, igualmente desertor, igualmente suspeito, era Comissário Político quando, por sua vez, foi morto.



ANDRÉ MATSANGAIZA

As mortes seguintes foram ainda menos claras. Só recentemente as declarações do arrependido Paulo Oliveira vieram reforçar a hipótese de assassinio, até aqui encarada como acidente, das vítimas Mateus Lopes, aliás, Alfredo da Costa, delegado em Lisboa e de João Ataíde, ex-embaixador na capital portuguesa.



ADRIANO BOMBA

O último dos mortos importantes da Renamo foi Evo Fernandes.

E o próximo?

Quinta, 21

O corpo de Evo Fernandes é encontrado na bermã da estrada Malveira-Colares, com braços e pernas partidas e cinco balas na cabeça e no tórax.

Quando se verifica um crime político, o público raramente consegue conhecer os meandros que a ele levaram e acaba mesmo por ficar sem conhecer os responsáveis, os verdadeiros. Sucedeu com Eduardo Mondlane, em Dar-es-Salam, com Orlando Cristina, em Pretória, com Olof Palme, na Suécia. Todos eles são casos encerrados e confusos. Pensamos que o caso Evo irá engrossar os dossiers nas gavetas. Politicamente, Evo era um caso «quase arumado». A violência também a ele não poupou. A História se encarregará de reabrir o seu processo.



EDUARDO MONDLANE

QUEM É CHAGAS?

Português, nascido em 1934, vai aos 20 anos para Moçambique. Ali trabalha como conferente na empresa de navegação NAVAL. Depois da Independência passa a outra empresa recém-formada a PERMAR. Em 1978, com a sua mulher africana e três filhos é repatriado como «indigente». Nos finais de 1986 e princípios de 1987 surge de novo em Maputo, como representante de uma empresa de pescas portuguesas, o que suscita algumas reservas. Também leva consigo uma procuração de uma viúva com propriedades na Zambézia.



ALEXANDRE CHAGAS

Volta a aparecer na Caparica, onde tem família com quem não contactava há 20 anos. Ali hospeda-se com uma filha. É a partir dessa base que contacta o industrial Sacramento Gaudêncio a fim de o convencer a patrocinar um encontro entre elementos da Renamo e da Frelimo. Entra em contacto com Evo, com quem combina jantar no domingo, dia 17. É visto, pela última vez, a entrar num carro, juntamente com o dirigente da Renamo, posteriormente assassinado.

O BILHETE

Um dos elementos mais misteriosos e interessados do caso Evo é o bilhete que este deixou em casa, «bem à vista», e que teria sido redigido apressadamente, quando o Chagas com ele combinava o fatídico jantar.

Nele o dirigente da Renamo apontou os nomes que o Chagas teria fornecido como sendo os da delegação moçambicana. O primeiro era B.G. (Bonifácio Gruveta) que Evo referenciava como Inspetor de Estado, mas que exerce as funções de Presidente da Associação de Veteranos de Guerra de Libertação de Moçambique. Depois é mencionado Mondlane Vasco Bila, 2.º secretário da SNASP (é funcionário da Emigração). João Carlos Generoso, também indicado como elemento da SNASP, não tem biografia oficial de registo em Moçambique, embora se reconheça a sua existência. Quanto a Fernando Massavanhane é nome ignorado em Moçambique, mas como Evo o refere como membro da Assembleia Popular é provável que seja Alberto Massavanhane, presente no Ministério dos Negócios Estrangeiros. O último nome, Estelita, refere-se a outro elemento da SNASP.

Duas perguntas se colocam imediatamente. A primeira é sobre a autenticidade deste bilhete. O facto é que o papel tem timbre dum Hotel de Genève. Pior do que isso, não tem data.

Mas, admitindo que foi escrito no dia ou dias antes do desaparecimento, admitindo que se trata de um bilhete actual, é pelo menos estranho como um homem com a experiência de Evo se dispusesse a encontrar-se com um tal conjunto de elementos da «polícia secreta» da Frelimo, sem precaução maior que informar a família de que saía para jantar, a pé, sem guarda-costas, sem medo.

EVO CAMÕES FERNANDES: um processo interrompido

Evo Camões Fernandes nasceu na cidade da Beira, em Moçambique, em 1944. Licenciou-se em Direito pela Faculdade de Lisboa, em 1968. Regressado a Moçambique, exerceu as funções de Inspetor da Polícia Judiciária. Em 1974, foi nomeado pelo Engenheiro Jorge Jardim, Director do jornal Notícias da Beira, cargo que exerceu por pouco tempo devido ao 25 de Abril. Em Agosto de 1976, vai para Portugal, onde desempenhou funções de Administrador da Livraria Bertrand, até 1980. De 1976 até 1983, é delegado da Renamo para a Europa. Entre 1983 e 1986, substituiu o assassinado Orlando Cristina como Secretário-Geral da Renamo. Em 1984, chefiou a delegação deste grupo às conversações em Pretória, com a Frelimo. É destituído do cargo em 1986 e passa à função de Chefe do Gabinete de Estudos.

Em 17 de Abril de 1988, desaparece, em Lisboa, para ser encontrado morto quatro dias depois.

OS COLEGAS QUE CONNOSCO COLABORARAM

Logo que foi conhecido o desaparecimento de Evo Fernandes, o nosso jornal estabeleceu imediata ligação com os nossos contactos em vários países. Entre e solicita colaboração recíproca, queremos salientar, e agradecer, a do Jornal «África», publicado em Lisboa, na pessoa do seu director Leston Bendeira, a quem devemos grande parte da informação reproduzida nesta página, e a de João Santa Rita, do Argus Africa News Service, de Joanesburgo, pelo apoio que nos prestou.